

BREVE HISTÓRIA DO CALENDÁRIO

João RIBEIRO JÚNIOR

Os primeiros calendários, que dividiam o tempo em unidades convenientes e conhecidas, se basearam em conhecimentos sobre as estações, sobre os astros e em idéias religiosas. Se um povo possuía conhecimentos matemáticos e de astronomia, os calendários eram mais exatos e rigorosos.

O homem primitivo calculava o tempo pelas fases da lua. Por volta de 3.000 a.C., os sumérios já dividiam o dia em dois períodos de doze horas, mas seu calendário era lunar. No Egito, a partir da terceira dinastia (c.2780 a.C.), os sacerdotes produziram um calendário tropical ou solar, baseado num ano de 365 dias, que é o tempo aproximado que dura a viagem da Terra em torno do Sol. Formularam também um calendário tendo em vista as enchentes do Nilo. O ano egípcio dividia-se em doze partes, sobrando cinco dias que eram dedicados às festas religiosas. Na Babilônia, a partir de 747 a.C., os astrônomos calcularam o tempo em anos a partir de um ponto fixo no tempo, e não mais a partir de um ano particular do reinado de um certo rei. Assim, por exemplo, no Velho Testamento, lemos sobre acontecimentos que ocorreram tantos anos depois do Dilúvio.

Graças ao poeta grego Hesíodo, sabemos que, por volta de 800 a.C., os gregos estavam usando também um calendário de 365 dias.

Os antigos gregos davam aos meses do ano o nome de festas ou cerimônias religiosas e nacionais ou domésticas. Por exemplo, *Antesterion* (metade de janeiro e metade de fevereiro), era o mês dedicado à festa do vinho; festa que durava três dias, na qual se celebrava a abertura dos vasos de vinho. No mês chamado *Hecatombeon* (junho-julho), que era o primeiro do ano, verificavam-se os sacrifícios

(hecatombes): no de *Elafebolion* (fevereiro-março) realizavam-se as festas em honra de Ártemis (a Diana latina); no de *Poseidon*, (novembro-dezembro), honrava-se Poseidon (o Netuno dos romanos); no *Gamelion* (dezembro-janeiro), celebravam-se os casamentos; no *Boedromion* (agosto-setembro), comemorava-se a vitória do herói ateniense, Teseu, sobre as Amazonas: e assim nos demais meses do ano.

Na Roma primitiva, o sabino Numa Pompílio, que reinou logo após Rômulo e que organizou o sacerdócio e o culto romanos, baseado no curso da lua, estabeleu o ano de 12 meses, constando o mês lunar de 29 dias, 12 horas e 44 minutos, e deu a alguns meses nome de divindades, a outros um número ordinal. *Januarius* (janeiro) provém de Jano, antigo deus romano, considerado o pai dos deuses; *Februarius* (fevereiro, último mês do ano, para os romanos), de Februus, identificado a Dis Pater, deus do reino dos mortos entre os latinos, nome dado às festas de purificação da cidade, mediante sacrifícios aos mortos (Februálias); *Martius* (março), dedicado a Marte (nome latino de Ares, deus da guerra); primitivamente cultuavam-no como o deus das tempestades, invocando-o para impedir que chuvas fortes, granizo, etc, destruíssem as plantações, mais tarde, foi identificado com a idéia de força instintiva, nascida das batalhas; *Aprilis* (abril), de *apros*, palavra grega que significa espuma, e que recorda Vênus (Afrodite dos gregos), nascida da espuma do mar; *Maius* (maio), de Maia, mãe de Mercúrio (o Hermes grego); *Junius* (junho), de Juno (a Hera grega), esposa de Júpiter (Zeus).

Julho foi chamado *Quintilis*, isto é quinto mês, que tal era na ordem dos meses romanos, começando o ano em março e não em janeiro; agosto foi chamado *Sextilis*, e os outros tiveram os nomes que ainda se conservam, de setembro, outubro, novembro e dezembro, formados dos números latinos *septem*, *octo*, *novem* e *decem*, e a terminação *brem* que, segundo a filologia, é palavra indiana e significa *tempo*. *Quintilis* teve mais tarde a denominação de *Julius*, de Julio César, e *Sextilis*, a de *Augustus*, do nome do imperador romano Otávio (Gaius Julius Caesar Octavius Augustus).

Em 46 a.C., Júlio César, a conselho do sábio grego Sosígenes, baseado no ano solar (365 dias, 5 horas, 48 minutos e 46 segundos)

reformou o Calendário romano. Essa reforma vigorou até a reforma do papa Gregório XIII, em 1582.

Foi acrescentado um dia em cada quatro anos, fazendo assim um ano bissexto. Os doze meses foram divididos em unidades de 30 ou 31 dias, exceto que nos anos não bissextos, o mês de fevereiro só tinha 29 dias. Otávio Augusto, além de dar o seu nome ao mês chamado *Sextilis* acrescentou-lhes mais um dia, que tirou de fevereiro.

As semanas (*nundinae*) tinha 8 dias, correspondentes ao espaço entre uma feira e outra, que eram marcados no calendário por letras de A até H. No século IV foi realizada uma reforma. A semana ficou com 7 dias, cada um deles dedicado a um deus ou a um astro. *Dies Solis* (dia do sol), *Dies Lunae* (dia da lua), *Dies Martis* (dia de Marte), *Dies Mercurii* (dia de Mercúrio), *Dies Jovis* (dia de Júpiter), *Dies Veneris* (dia de Vênus), *Dies Saturni* (dia de Saturno). Como a Igreja Católica, mais tarde os consagrou a Jesus, à Sagrada Família, à Ressurreição de Cristo, à Virgem Maria, ao Coração de Jesus, ao Sangue de Cristo, ao Coração de Maria, à Virgem das Dores, ao Santíssimo Rosário, às Almas do Purgatório e à Imaculada Conceição.

Em cada mês havia três dias especiais: *Calendae* (Calendas, primeiro de cada mês, quando os sacerdotes anunciavam as festas do mês e ofereciam sacrifícios a Juno); *Nonae* (Nonas, dia 7 de março, maio, julho, outubro, e dia 5 dos outros meses); e *Idus* (idos, do verbo grego que significa resplandecer; 8 dias depois, dia 13 ou 15, quando realizavam-se sacrifícios a Jupiter). Com esses três dias-chaves contavam-se os demais. Assim, em março, mês cujo *idus* se verificavam no décimo quinto dia e as *nonae*, no sétimo, o dia 3 era designado por quinto dia antes das nonas; o dia 13, por terceiro dia antes dos idos; o dia 16, por décimo sétimo dia antes das calendas de abril.

Os dias seguintes a esse três eram os *Postridie*, considerados nefastos, sobretudo o *Postridie Calendas*. Porém, havia outro dias nefastos assinalados no Calendário pela letra N (nefas). Os dias favoráveis vinham precedidos pela letra F (faz). Se o sinal fosse End (de endotercius), o dia era tido como desfavorável pela manhã e favorável à tarde. Como os romanos não utilizavam a hora equinocial, isto é, hora de 60 minutos, que divide o dia astronômico

em partes iguais, o dia, para eles, dividia-se em 12 horas, de acordo com a estação do ano; de modo que as horas no verão eram mais longas do que as do inverno. A sexta hora era o meio-dia. A noite estava repartida em quatro vigílias, desde o pôr do sol até ao levantar; variando, também, de acordo com as estações. A terceira vigília começava sempre à meia-noite.

Foi nesta época que se produziram os primeiros almanaques ou registros astrológicos regulares dos dias do ano. Foram elaborados por Ptolomeu, em Alexandria, durante o século II da nossa era.

Foi Ptolomeu com seus treze livros sob o nome *Composição Matemática* ou *Almagesto* (título dado pelos árabes) quem divulgou a teoria do geocentrismo (a Terra como centro do Universo), elaborada por Eudóxio de Cnido. Esta concepção influenciou toda a Idade Média, onde a Terra é concebida como um disco e se crê que o Universo tem a forma de tabernáculo. Este primitivismo, a partir dos estudos de Ambrósio e de Agostinho irá condicionar as idéias medievais sobre a estrutura do Universo, descobrindo-o encabeçado por uma hierarquia de anjos. Isto irá influenciar toda a maneira de se conceber um calendário. Durante séculos esqueceu-se os ensinamentos de Eratóstenes, que calculou a circunferência terrestre; de Estrabão, que descreveu as regiões então conhecidas, de Aristarco de Samos, que calculou as distâncias relativas a que o Sol e a Lua se encontram da Terra; de Pitágoras, que afirmou que a terra é uma esfera, que roda em torno do seu próprio eixo.

Na renascença constatou-se que havia um erro no calendário Juliano: a diferença era de dez dias entre o ano civil e ano trópico: em 1582, o equinócio caiu em 11 em vez de 21 de março. Sendo importante para a Igreja fixar os dias dos santos e festas rigorosamente em todo o mundo, em 1585, o papa Gregório XIII, impressionado com o fato, decidiu corrigir o erro, resolvendo tirar 10 dias ao ano, ordenando que o dia imediato a 4 de outubro de 1582 fosse chamado dia 15, pelo menos nos países católicos. Resolveu, também, para impedir a reprodução do erro, que se suprimissem 3 dias todos os quatro séculos, estabelecendo para esse fim que o último ano dos 3 primeiros séculos não seriam bissextos, sendo-o somente o último ano do quarto século. Os anos de 1700 e 1900 foram, portanto, anos comuns, e o ano 2000 bissexto.

O Calendário Gregoriano, hoje quase universalmente adotado, aumenta um dia em cada 4000 anos. A diferença atual do Juliano é de 13 dias.

Graças a esse Calendário, o ano é o mesmo em quase todos os povos do mundo. A Grã-Bretanha só o adotou em 1752, sendo necessário acrescentar 11 dias para acertar o país com o novo calendário. Tornaram-se famosas as desordens que isso causou, quando o povo exigiu que lhe fossem devolvidos os seus 11 dias. A Rússia só mudou para o Calendário Gregoriano após a Revolução de 1917, e a Tailândia só o adotou em 1940.

Na América, os Maias, particularmente, eram bons astrônomos, e em Copán seus sacerdotes calcularam um ano de 365 dias, consistindo de 18 unidades de 20 dias, mais 5 dias infaustos. Os Maias e os Astecas seguiam ao mesmo tempo um ciclo cerimonial de 260 dias.

A denominação dos dias da semana, como se viu, não era usada entre os romanos, que dividiam o mês em *calendas, nonas e idos*. Os nomes dos dias da semana foram tirados da Lua e dos planetas Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, e perduraram no francês, no Italiano, no espanhol, no inglês. O Sábado vem do hebraico *sabbat* ou *sabbaton* (nome do sétimo dia da semana, às vezes também aplicado a festas que não caíam necessariamente no sétimo dia, como o dia da expiação (Lev 16,31; 23,32), a festa das trombetas (23,24), e o primeiro e oitavo dias da festa dos tabernáculos (23,39). Trata-se de um tabu religioso antigo, que remonta a época em que os semitas eram pastores nômades, cujas andanças eram determinadas pelas fases da lua. É de se notar que tal costume foi encontrado também na Mesopotâmia. E o Domingo (de *Dominus*, Senhor) é o dia consagrado a Deus. A língua portuguesa deu-se à extravagância de inventar as *feiras*, da Segunda à Sexta, e rematar a semana com o sábado e o domingo.

Na França, em 24 de novembro de 1793, a Convenção Nacional introduziu novo calendário, que foi abolido em fins de 1805, pelo imperador Napoleão I. O ano republicano dividia-se em doze meses de trinta dias cada um. Cada mês era dividido em três décadas, e aos dias que compunham cada década foi dado o nome de primeiro, segundo, etc. O décimo era dedicado ao descanso.

O dia dividia-se em dez horas, a hora, em cem minutos, e o minuto, em cem segundos. Para completar a duração do ano solar acrescentaram-se ao duodécimo mês cinco dias complementares (seis no ano bissexto) chamados *sans-culottides*.

O poeta Fabre d'Eglantine, decapitado pelo *Grande Terror*, para gáudio das *tricoteuses* da Praça da Revolução, imaginou os nomes de *Vendemiaire* (mês das vindimas), *Brumaire* (dos nevoeiros), *Frimaire* (do frio) – para os meses do Outono; *Nivose* (das neves), *Pluviose* (das chuvas) e *Ventose* (dos ventos) – para os do Inverno; *Germinal* (da germinação das plantas), *Floreal* (das flores), *Prairial* (das verduras nos prados) – para os da Primavera; *Messidor* (das espigas), *Thermidor* (do calor), *Fructidor* (das frutas) – para os do Verão.

É curioso notar que o imaginário popular consagrou os meses a alguns animais, aves e árvores: janeiro ao cordeiro, fevereiro ao cavalo, março à cabra, abril ao macho caprino, maio ao touro, junho ao cão, julho ao veado, agosto ao javali, setembro ao burro, outubro ao lobo, novembro à serpente e dezembro ao leão. A astrologia também dedicou alguns meses a animais como o carneiro (22 de março a 20 de abril), o touro (21 de abril a 21 de maio), leão (24 de julho a 23 de agosto), bode (capricórnio) (23 de dezembro a 19 de janeiro).

E às aves: janeiro, o pavão; fevereiro, o pato; março, o pica-pau; abril, a pomba; maio, o galo; junho, o íbis; julho, o beija-flor; agosto a águia; setembro, o falcão; outubro, a coruja; novembro, a gralha; dezembro, a andorinha.

Quanto às árvores: janeiro, ao álamo; fevereiro, ao olmeiro; março, à nogueira; abril, à murta; maio ao loureiro; junho, à aveleira; julho, ao carvalho; agosto, à macieira; setembro, ao buxo; outubro, à oliveira; novembro, à palmeira; dezembro, ao pinheiro.

Foram igualmente consagrados aos meses, pelos feiticeiros, bruxas e demonólogos, os seguintes demônios: janeiro a Belial (demônio do prazer sexual, que tinha templos em Sodoma e Gomorra; fevereiro a Leviatã, grande demônio das águas, almirante infernal, que ensina aos homens a mentira; março a Satanaz, príncipe dos diabos, semeador de discórdias, chefe dos anjos rebeldes a Deus; abril a Astertéia, mulher de Astaroth, grão-duque infernal; maio a Lúcifer, com três cabeças, a quem Dante, na Divina Comédia, coloca

no centro do Inferno; junho a Balberith, arquivista do Inferno; julho a Belzebuth, príncipe dos demônios, também primeiro em poder, depois de Satanaz; agosto a Astaroth, demônio da preguiça e da gula, que comanda quarenta legiões; setembro a Thamuz, inventor da artilharia, que domina as chamas e o carvão; outubro a Baal, chefe do exército infernal; novembro a Hécate, demônio que preside a polícia infernal sob três formas: mulher, cavalo e cão; dezembro a Moloch, príncipe da região das lágrimas e membro do Conselho Infernal.

Estudou-se a possibilidade de se criar um Calendário Universal para terminar com as complicações, desnecessárias, que existem em nosso Calendário atual, bem como simplificá-lo e estabilizá-lo de modo a torná-lo adequado à vida moderna.

Esta reforma tem em vista a igualdade dos anos, que só se apresenta em ciclos determinados de 28 anos.

O Calendário Universal pretende modificar o número de dias dos nossos familiares 12 meses, faz iguais os trimestres e semestres, tornado-se calendário perpétuo, com os anos sempre iguais. A igualdade dos trimestres e dos semestres é obtida dando 31 dias ao primeiro mês de cada trimestre e 30 dias aos dois meses restantes. Assim, o ano de 12 meses tem 4 meses de 31 dias e 8 meses de 30 dias. Cada mês tem exatamente 36 dias de semana, sem contar os domingos; os trimestres começam em domingo e terminam em sábado; cada ano começa em domingo, 1º de janeiro. Obtém-se dessa forma simetria, equilíbrio, ordem e estabilidade sem maiores dificuldades.

Para que qualquer calendário se adapte aos 365 dias dos anos comuns e aos 366 dos anos bissextos, é imprescindível harmonizá-lo com o ano solar e torná-lo comparável de ano para ano. O Calendário Universal acrescenta um dia de fim de ano como um sábado extra, depois de terminado o quarto trimestre, e um outro sábado extra nos anos bissextos, no fim de junho.

Deste modo, a igualdade dos anos, que só se apresenta em ciclos determinados de 28 anos, seria uma realidade constante.

Era idéia dos propugnadores do Calendário Universal pô-lo em execução, no último dia de dezembro de 1944. O 31 de dezembro desse ano caiu num Domingo, que seria considerado como sábado

extra, o dia de fim de ano do novo calendário. O Calendário Universal seria posto, portanto, em prática no 1º de janeiro de 1945, que teria passado a ser domingo, e não segunda-feira como foi.

Entretanto, como se sabe, maiores preocupações, mais sérias, absorveram a atenção do mundo e o Calendário Universal caiu em relativo esquecimento. Hoje, quando se fala em globalização, a idéia poderia ser revivida, e de uma forma mais perfeita, usando a tecnologia de ponta.